

DEPÓSITO LEGAL

SIGNO



JORNAL DE LETRAS E ARTES

DIRECTOR — Marinho Matos

DIRECTOR ADJUNTO — Fatima Senra

N.º 19

ANO - III

PREÇO - 50\$00

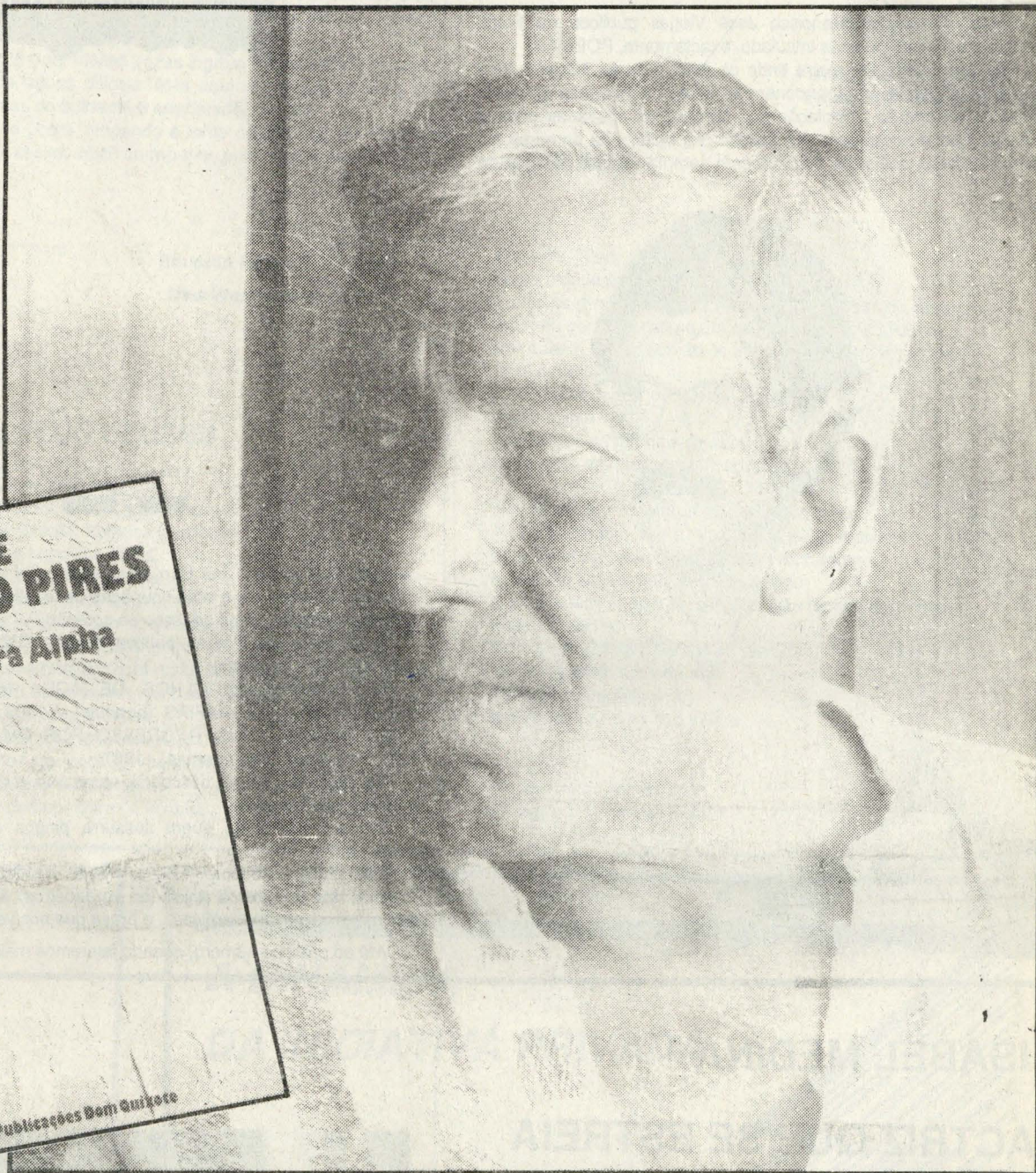
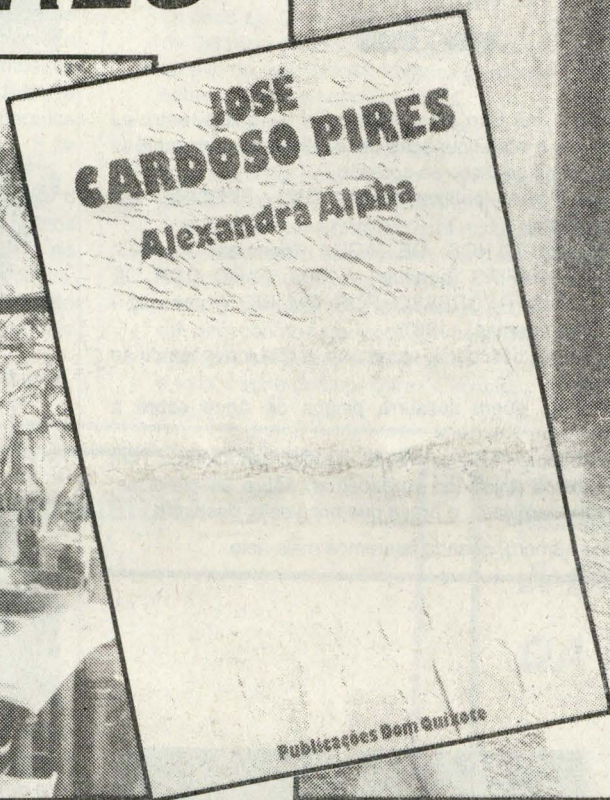
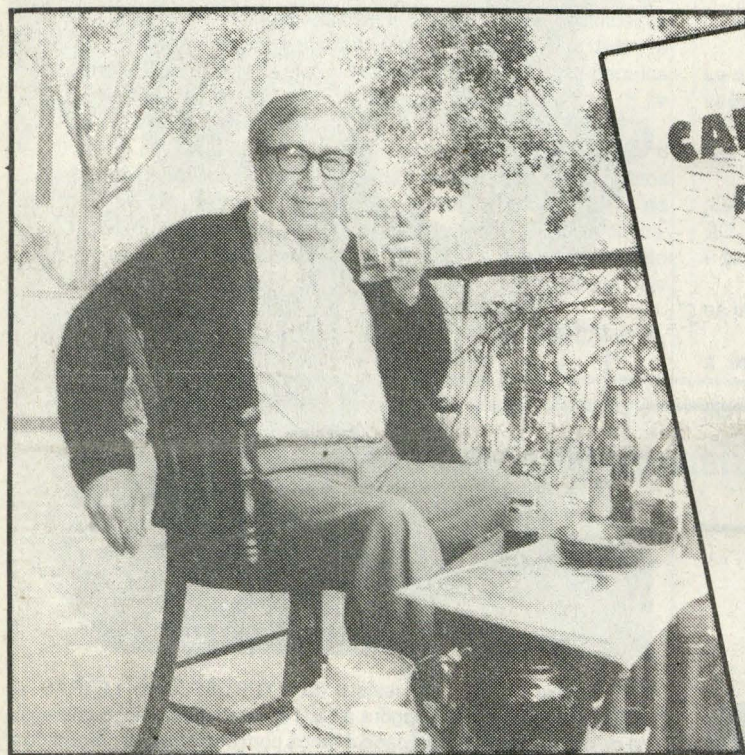
PERIODICIDADE; QUINZENAL

20 JANEIRO A 2 DE FEVEREIRO 1988

O FIO DA CONVERSA
COM JOSÉ CARDOSO PIRES

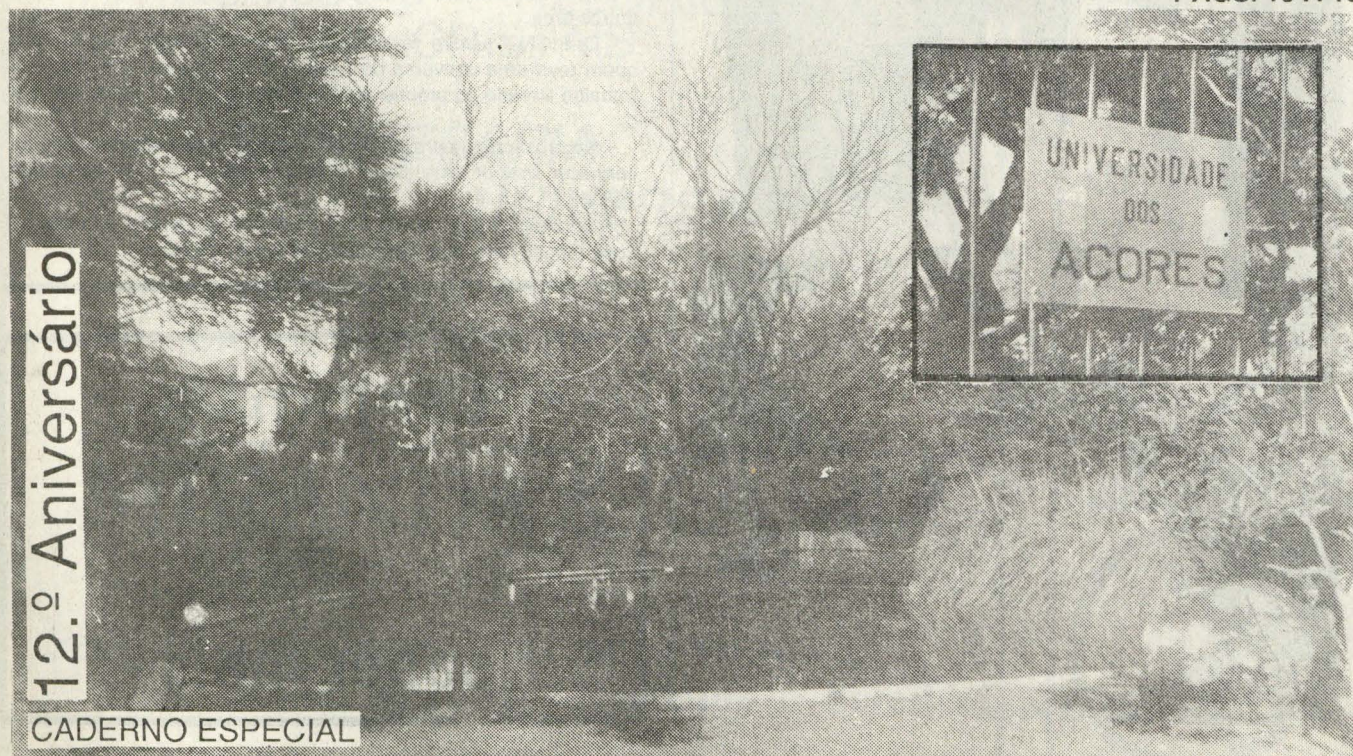
PÁGS. 7 E 8

"NÃO ANDO A CORRER ATRÁS DOS LEITORES"



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

PÁGS. 10 A 15



12.º Aniversário

CADERNO ESPECIAL

DANIELE DEL GIUDICE

O ESTADIO
DE WIMBLEDON

EM PONTA DELGADA

PÁG. 9

O FIO DA CONVERSA COM JOSÉ CARDOSO PIRES

ENTREVISTA

'NÃO ANDO A CORRER

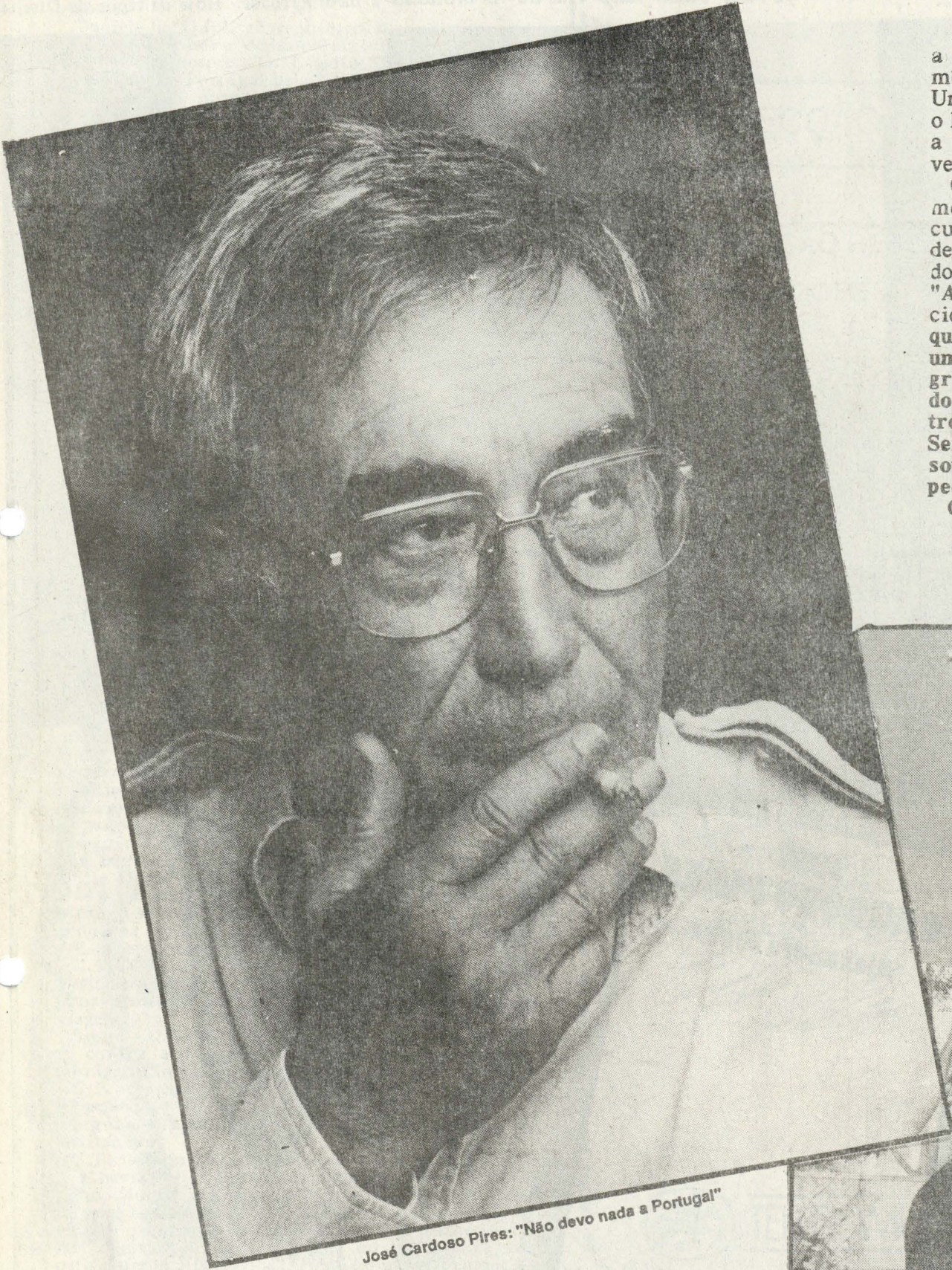
ATRÁS DOS LEITORES'

José Cardoso Pires em corpo inteiro. Corria a manhã fria de Janeiro - Janeiro é nome de mês para muitas águas. Em casa do escritor. Uma entrevista difícil, como difícil, aliás, é o homem que, de cadência em cadência, coloca a lenha na lareira como quem alimenta uma velha paixão.

Cardoso Pires fala com a voz da memória, memória viva e palpitante, perscrutando cuidadosamente cada palavra a uma raiz antiga de vagas de mar alteroso. De cigarro queimando os dedos, olhar fito, é este o homem de "Alexandra Alpha". E é ele que rompe o silêncio: "Em matéria de público não sei quem é que me lê nem quantos livros se vendem. Há uma coisa que não faço: não tenho uma consagração pelo público, não ando a correr atrás dos leitores. Não sou como os autores de teatro que dizem que o público é que tem razão. Sei lá se o público tem razão! Quem tem razão sou eu! E quem corre atrás do público leva pedradas!"

Quem se habilita à primeira?

MARINHO MATOS



José Cardoso Pires: "Não devo nada a Portugal"

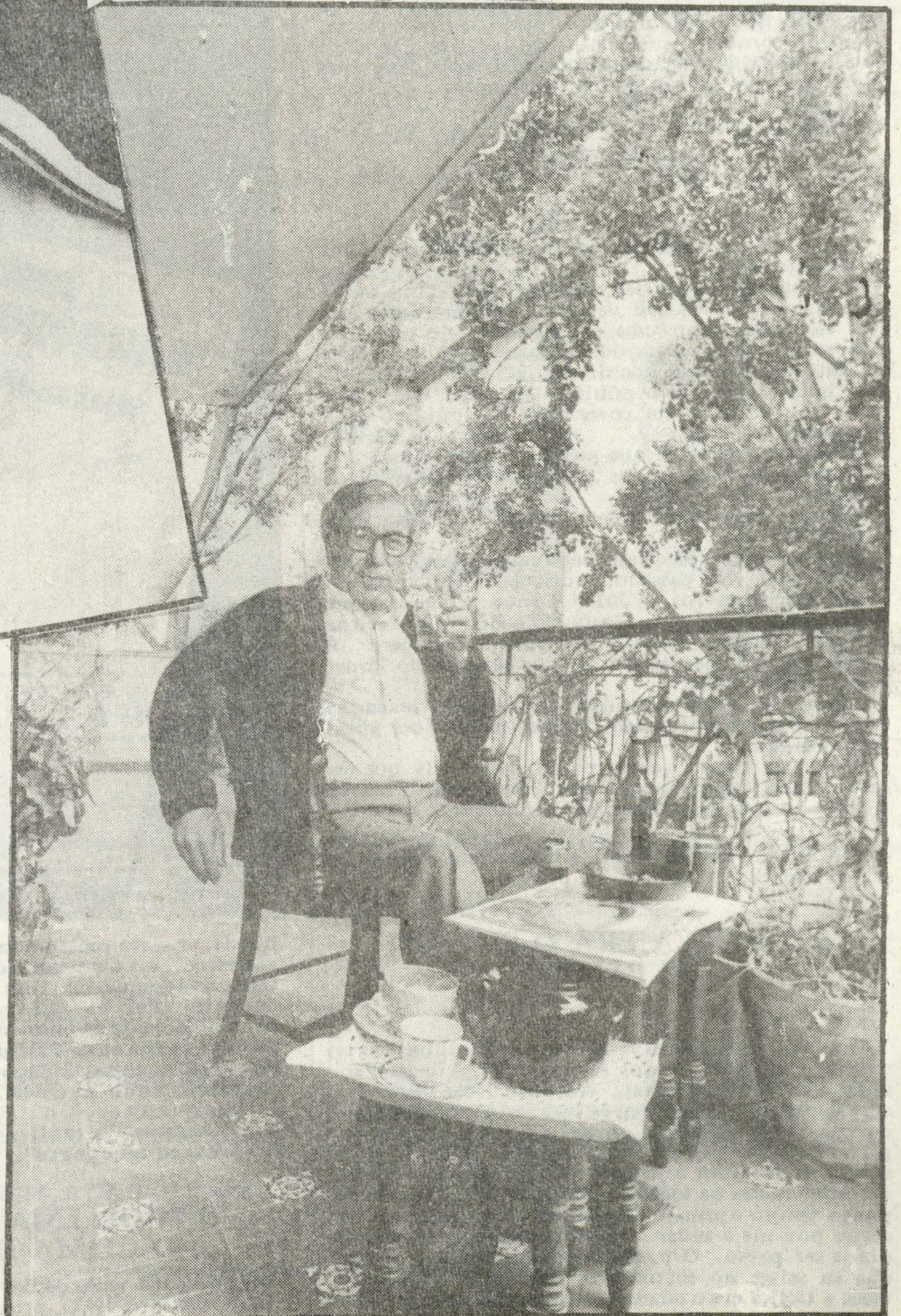
Signo - "Alexandra Alpha" é um romance, mas é também um "puzzle". Quer falar disso?

C.P. - O romance é jogo, então eu baralho e faço combinações. Isso implica certos riscos, implica acasos. Escrever seria uma coisa horrível se não acreditasse nos acasos... Uma das coisas que mais me agrada no escrever é encontrar acasos. Aquelas coisas que eu não pensei e que me surgem na altura. Essas é que me dão alegria. Detesto o romance premeditado, estruturado. Ela não precisa disso porque, depois, ganha a sua estrutura.

Signo - Um romance "escreve-se"?

C.P. - Sim. Mas mais do que isso: tenho impressão que a única altura em que um autor lê o romance é quando o está a escrever. Todas as outras leituras são suspeitas.

Signo - "Alexandra Alpha" é, ainda, nome de personagem, nome de mulher. Pode falar-nos das mulheres? C.P. - As mulheres portuguesas de uma certa classe são muitíssimo mais objectivas do que os homens. A mulher por razões da própria natureza! Aliás, digo isso em "Alexandra Alpha". A natureza da mulher não é fácil, é dramática. A do homem é fácil. O homem só tem dramas com a natureza quando chega à idade da impotência. No caso da mulher toda



a sua evolução é dramática. Basta dizer que um dia acorda, tem uma menstruação e sabe que mudou de idade. O rapaz não sabe. O rapaz só sabe andar a correr para o espelho armado em parvo a ver se já tem bigode e barba. É por isso que todos nós como homens sofremos os nossos desgostos.

A Mulher é mais Objectiva do que o homem
Signo - Essa evolução "dramática" da mulher imprime determinadas marcas?

C.P. - Atenção: eu chamo-lhe "dramática" mas não quer dizer, necessariamente, que isso tenha a ver com dramatismo. É, sobretudo, rica. Muito mais rica que a do homem na sua constituição biológica e física. Isso dá-lhe uma certa resistência. Os ingleses, no fim da guerra, chegaram à conclusão que as tarefas mais esgotantes eram melhor suportadas pelas mulheres do que pelos homens.

Signo - Quer isso dizer...

C.P. - Tudo isso quer dizer que as mulheres são muito mais objectivas do que os homens...

Signo - Os homens não são objectivos?

C.P. - Os homens são muito mais abstractos.

Signo - Isso traz consequências ao desempenho do poder, já que ele está em grande parte nas mãos dos homens?

C.P. - É evidente. Quando a sociedade ficar mais equilibrada não tenho a mais pequena dúvida que tudo se altera. Por enquanto as sociedades são ainda mais ou menos machistas.

PRATICAR O CORPO É UMA FORMA DE INTELIGÊNCIA

Signo - Será que no fundo, no fundo, debaixo de todo esse dito "machismo" os homens são "maricas"?

C.P. - A experiência diz-nos que a mulher enfrenta com muito mais objectividade a problemática. Ela enfrenta as situações dramáticas com outro rigor, outra objectividade. Sobretudo nas classes mais pobres é ela que enfrenta os problemas da casa, todos os problemas domésticos, todos os problemas dos filhos. Dentro dum esquema convencional é ela que faz render o dinheiro que o homem vai buscar lá fora. Para tudo e mais alguma coisa! Ela é um elemento fundamental para a identificação do próprio homem.

Signo - Como?

C.P. - Eu diria, por exemplo, que o amor é fonte de identificação. O praticar o corpo do ponto de vista erótico e sexual é uma forma de inteligência. O corpo torna-se inteligente com a prática. Digamos que o indivíduo se identifica muito mais com o seu próprio corpo através da prática amorosa.

NÃO ANDO A CORRER ATRÁS DO PÚBLICO

Signo - E os leitores, que importância têm para si os leitores?

Em matéria de público não sei quem é que me lê nem quantos livros se vendem. Há uma coisa que não faço: não tenho uma consagração pelo público, não ando a correr atrás dos leitores. Não sou como os autores de teatro que dizem que o público é que tem razão. Sei lá se o público tem razão! Quem tem razão sou eu! E quem corre atrás do público leva pedradas!

E dos escritores, o que pensa dos escritores?

Tenho tanta mágoa dos escritores "oficiais", por exemplo.

Signo - Pode dizer-nos o nome de um escritor "oficial"?

Neste momento não vejo nenhum escritor "oficial" em Portugal. No passado, o caso mais típico de um desses escritores foi o Júlio Dantas. Tem um que ainda anda vivo: é o Costa Machado. Um escritor "oficial" é aquele que só vai porque o Poder... É aquele que o Poder instituiu, que se serve do Poder e que canta o Poder.

Signo - Há quem defenda a ideia de que "Alexandra Alpha" é o retrato de um "certo" país. Você gosta de Portugal?

Apesar de tudo, gosto muito deste país que me tem tratado sempre muito mal. Devo muito menos ao país do que o país me deve a mim. Eu devo muito

pouco a este país e o que eu fiz por ele não se compara com o que ele fez por mim. Assumo isto e provo-o por A mais B. É tão fácil de provar!

A TÁCTICA ERA O ESTADO DE PÂNICO

Anos 60. Uma ofensiva da Pide contra alguns escritores portugueses. Presos Alves Redol, Alberto Ferreira, Alexandre Cabral, António José Saraiva e alguns outros. "Também eu comecei a receber avisos: de que ia ser preso. Comecei a pensar em sair do país. Eles faziam a vida a negra às pessoas. Nem sequer as levavam a julgamento. Punham-nas oito ou nove meses na cadeia e pronto! Tinha casado há pouco tempo e pensei: vou deixar cá a minha mulher e vou por-me a andar. Já sabia que mais dia menos dia ia ser preso. O problema seria a saída. Assim que eu saísse no aeroporto, seria logo preso. Às vezes a táctica era o estado de pânico, seguir o indiví-

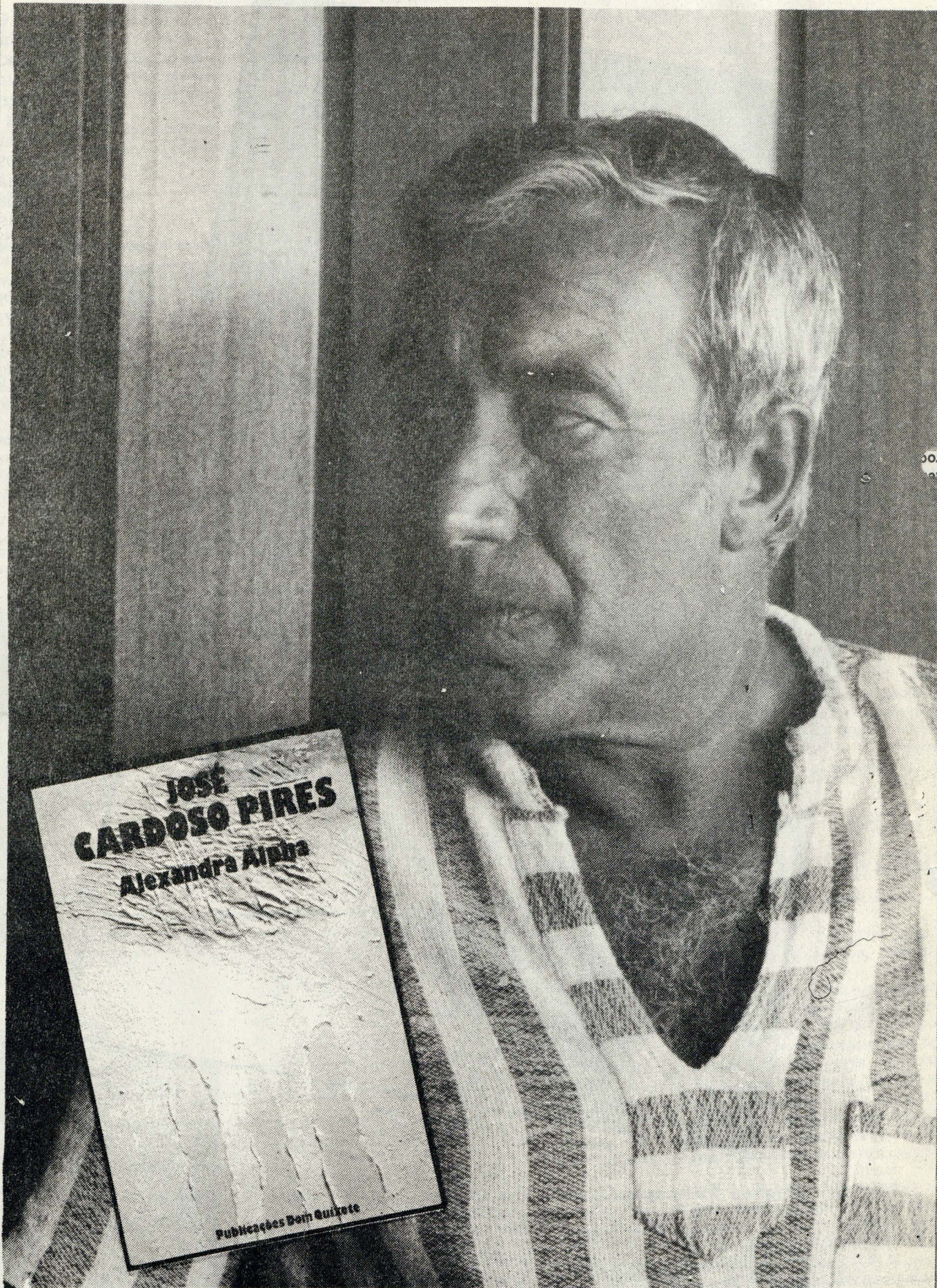
duo, vigiá-lo muito atentamente e a partir do estado de pânico gerado tiravam-se novas informações".

Um belo dia, Socarno visitava Portugal, um indivíduo importante lá das indonésias. Disse logo à minha mulher: "Hoje é que vou para o aeroporto e vou embarcar. Vou para Londres. Eles devem andar obcecados com o homem".

Não houve o mínimo problema. Voa directo para Londres, depois Paris, três meses. Encontros com Marcelino dos Santos (hoje vice-presidente da República Popular de Moçambique), Pinto de Andrade, Aquino de Bragança e durante algum tempo Barradas de Carvalho. "Convenceram-me a viajar para o Brasil. Nunca lá tinha ido. Lá encontro-me com o Casais Monteiro, Jorge de Sena, Soromenho. Não me envolvi na resistência política, antes pensei fazer vida no

ENTREVISTA

os polícias. O problema da Pide era o clima de terror que criavam. Todo o país pensante foi vítima da Pide. Não sofreram só aqueles que foram para o Tarrafal. Todo o país sofreu, a não ser os "javardos", os incompetentes. A Pide, de resto, era uma grande protecção à mediocridade. Hoje os tipos de Direita



Brasil. Estava cansado da censura e da política. Queria escrever. Comecei a dar-me com escritores brasileiros de esquerda. Eles receberam-me maravilhosamente. Foi aí que conheci Portinari, Jorge Amado e tanta e tanta outra gente. Estou muito grato a todos eles. Passado um ano, pensei que em Portugal as coisas tinham melhorado. Os escritores já tinham saído da cadeia. Tinha um grande amigo, o meu editor, o Figueredo de Magalhães. Convenceu-me a voltar a Portugal. Cheguei de surpresa ao aeroporto".

O PROBLEMA DA PIDE ERA O CLIMA DE TERROR

Signo - Que recordações da Pide?

Cardoso Pires - O problema da Pide não era só

com nível, nesse tempo não piavam. Os que piavam eram medíocres. Eram os Kaúlza de Arriaga, que ainda outro dia apareceu na televisão a fazer um papel miserável, um Franco Nogueira que mente descaradamente, porque pode mentir à vontade (pensa ele!) já que ninguém está hoje disposto a chatear-se com ele. Deve ele andar a pensar que faz um bonito papel porque é o corajoso, o único que ainda defende Salazar e o terror. Hoje ser salazarista, ser fascista, ser nazi não é coragem nenhuma, a pessoa não perde lugares. Infelizmente até pode ganhar.

Signo - Você parece estar muito traumatizado...

Cardoso Pires - "Estou muito traumatizado. Depois do 25 de Abril vim a saber que o meu melhor amigo era informador da Pide. Fiquei de

(Conclui na 9ª página)

DANIELE DEL GIUDICE EM PONTA DELGADA

O Escritor italiano Daniele del Giudice profere esta tarde, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, uma conferência subordinada ao tema "Ciência e Literatura".

Daniele del Giudice, autor do célebre romance "Atlântico Ocidental" desloca-se a Ponta Delgada a convite do Centro de Estudos italianos do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade dos Açores.

Daniele del Giudice é frequentemente indicado como possível "herdeiro" de Italo Calvino. É autor, ainda, de outro romance "O Estádio de Wimbledon", traduzido em Portugal pela "Difel".

Refira-se, a propósito, que o Centro de Estudos italianos da Universidade dos Açores existe há cerca de dois, sendo Catia Benedetti actualmente responsável pelas cadeiras de Literatura e Língua italiana.

"NÃO ANDO A CORRER ATRÁS DOS LEITORES"

(Conclusão da 8ª página)

rastos! Sai de Lisboa. Não queria estar com ninguém, queria era estar comigo".

SOU CONTRA POLÍCIAS

"Sou contra polícias, regimes de terror, sou contra totalitarismos. Hoje a coisa mais escandalosa que se está a passar no mundo é o caso do Chile. E há quem já se tenha esquecido disso. Depois da visita do Papa à América do Sul houve um triunfo imediato de tudo o que foi fascismo e reacção. O que resultou da visita do Papa à A.S. foi o reforço de tudo quanto é mais baixo para o homem. Logo a seguir a essas visitas saíram os grandes bandidos que estavam detidos nas cadeias da Argentina, e o Chile ficou na mó de cima outra vez. O Pinochet teve uma atitude cheia de ironia, na minha opinião: ofereceu-se para condecorar o Papa. Não defendo nenhuma espécie de terror, sou contra ele".

E o papel do Papa?

C.P. - "Se João Paulo II tivesse ficado quieto no Vaticano teria sido muito mais cristão, muitíssimo mais ecuménico do que tendo ido fazer aquele viagem".

Signo - Disse ser contra a polícia e contra o terror. É contra a tropa ou contra o Serviço Militar Obrigatório no nosso país, por exmplo?

C.P. - Sim, por uma questão de objecção de consciência.

Signo - E se fosse chamado a cumprir Serviço Militar...

C.P. - Seria Objector de Consciência. Antigamente não havia outra hipótese: cumprir, exilar-se ou ir preso. Julgo que os exércitos saem caros. Veja que durante tantas décadas o nosso exército andou a gastar rios de dinheiro e bastaram seis oficiais para resolverem o assunto. Seis, ou sete, ou sete e meio, ou oito e um quarto. Olhe lá como é que eles se comportaram todos. E olhe a pospurrância com que falam outra vez. Veja uma América do Norte que só tem derrotas militares. Não teve uma vitória depois da Grande Guerra. Perdeu na Coreia, perdeu no Vietname. Só escapou nas Malvinas, felizmente, e foi a maneira da Argentina ir dar uma volta. Mas também nas Malvinas faz favor...

Signo - Mas a Igreja não poderá ter um papel conciliador?

C.P. Há uma coisa na Igreja que sempre me inquieta muito: a Igreja fala sempre de Paz mas não conhece nenhum Acto de Contrição da Igreja em relação aos Autos de Fé, à Inquisição, à actividade do Cerejeira em Portugal e à sua colaboração com o fascismo.

Signo - Não conhece um acto de arrependimento da Igreja?

C.P. - Conheço um pequeno acto de contrição da Igreja Espanhola, o ano passado, reconheceu o colaboracionismo que prestou ao Franco. Penso, todavia, que isso foi possível porque há uma Igreja de Esquerda muito forte em Espanha. E sobretudo nas zonas independentistas, desde o País Basco à Catalunha.

Signo - A Igreja gosta do Poder?

C.P. - A Igreja é doída pelo Poder. E o pior é aue ela faz por esquecer isso, não gosta que lhe falem do passado, não gosta que lhe apontem o dedo.

JUNTE A LISTA TELEFÔNICA



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES
DE PORTUGAL

DIRECÇÃO DE COORDENAÇÃO DOS AÇORES

DIRECÇÃO REGIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES
DOS AÇORES

NOVOS
NÚMEROS
DE TELEFONE*
a partir de
16.1.88

* Em todo o país,
excepto Lisboa e Porto

SERVÍCIOS ESPECIAIS

DESIGNAÇÃO DO SERVIÇO	NÚMERO	
	NOVO	ANTIGO
ASSISTÊNCIA	144	14
HORAS	151	15
INFORMAÇÕES R.L.T.A.	156	-
DESPERTAR	161	19
INFORMAÇÕES TELEGRAMAS	166	12
TELEGRAMAS TELEFONADOS	183	10
AVARIAS	188	13



TELECOMUNICAÇÕES

SIGNO, Jornal de Letras e Artes

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR: Marinho Matos
DIRECTOR ADJUNTO: Fátima Senra
CHEFE DE REDACÇÃO: Herberto Gomes
PROPRIEDADE
BRUMARTE, Cooperativa de Imprensa e
Publicidade, R.L.
SEDE: R. das Cabaças, n.º 2, 9500 Ponta
Delgada
Telef. 22 042

Montagem: Luisa Furtado e João Paulo Cabral
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas da
Impraçor, Rua Dr. Bruno Tavares Carreiro, 36-
38 - Ponta Delgada.

Tiragem média da última edição - 3.000 exemplares